

# TITO DE ALENCAR LIMA E TORTURA: UM BREVE ESTUDO SOBRE TRAUMA EM PSICANÁLISE

## *Tito de Alencar Lima and torture: a brief study on trauma in psychoanalysis*

Ana Tereza Sousa Sussuarana<sup>1</sup>, Adriana das Chagas Oliveira Pacheco<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduanda no Bacharelado em Psicologia pela Faculdade Estácio de Macapá. Contato: anateresasussuarana@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestre em Psicologia da Saúde pela Universidade Metodista de São Paulo. Contato: adrianaoliveira1975@bol.com.br

### Palavras-chave

Trauma  
Psicanálise  
Tito de Alencar  
Tortura

Tomando as experiências dos soldados que participaram da primeira Guerra Mundial, Freud prosseguiu com os estudos sobre o trauma, a partir dos desdobramentos que os campos de batalha tiveram na vida psíquica dos soldados. É a partir desses estudos, que se abriu a possibilidade para realizar este trabalho sobre o trauma de tortura em Frei Tito de Alencar, preso político da ditadura militar brasileira, que cometeu suicídio no exílio. O presente artigo analisa a tortura e as consequências psíquicas dessa violência sobre a vida do Frei, com base em um referencial psicanalítico. Dessa forma buscou-se fazer uma breve discussão sobre trauma para Freud a partir da experiência de Frei Tito, tomando a análise bibliográfica como método de pesquisa, da qual se depreende a importância de atentar para a especificidade de cada caso a ser analisado e para a história do sujeito e o contexto que carrega o ato suicida.

### Keywords

Trauma  
Psychoanalysis  
Tito de Alencar  
Torture

*Taking the experiences of the soldiers who participated in the First World War, Freud proceeded with studies on trauma, from the developments that the battlefields had in the soldiers' psychic lives. It is from these studies that the possibility was opened to carry out this work on the trauma of torture in Frei Tito de Alencar, a political prisoner of the Brazilian military dictatorship, who committed suicide in exile. This article analyzes torture and the psychological consequences of this violence on the life of Frei, based on a psychoanalytical framework. Thus, we sought to make a brief discussion about trauma in Freud from the experience of Frei Tito, taking the bibliographic analysis as a research method, which reveals the importance of paying attention to the specificity of each case to be analyzed and to the history of the subject and the context that carries the suicidal act.*

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe-se a abordar a partir da teoria psicanalítica freudiana o conceito de trauma para Freud e como se dá a relação deste em contextos histórico-políticos de severas repressões a determinados grupos, em especial a presos políticos de regimes ditatoriais. Nesse contexto, Tito de Alencar foi uma figura de grande relevância para a resistência ao regime militar; ele foi um frei dominicano, preso político, torturado e morto no exílio pelas perturbações mentais fruto de sua resistência, e para não ceder à tortura, cometeu suicídio em agosto de 1974.

No decorrer das obras freudianas um dos principais ensinamentos deixados pelo autor é que não há um indivíduo separado, isolado do contexto histórico e social que se encontra. Portanto, se apresentou como um campo possível a pesquisa sobre a história de Tito de Alencar e as consequências físicas e psíquicas causadas pela tortura, marca brutal da ditadura militar brasileira. Ao escrever sobre Tito, tanto Plon e Meireles (2014) quanto Frei Betto (1987), o colocam como alguém que carrega na história não só a própria trajetória, mas como um homem que representa as consequências dos horrores ditatoriais e a resistência de toda a militância revolucionária. Por isso buscou-se investigar se haveriam aproximações entre a conceituação de trauma tal como proposta por Freud e a história de Tito.

Para isso a pesquisa direcionou-se a uma investigação psicanalítica dos efeitos da tortura no Frei, colocou-se então o questionamento: como é possível correlacionar a teoria do Trauma desenvolvida por Freud com a tortura vivenciada por Tito de Alencar?

O principal elemento colocado inicialmente é discorrer sobre o Trauma para Freud. É neste sentido que é posta a proposta de fazer uma breve explanação de como é compreendido este conceito na teoria freudiana, buscando alcançar um dos objetivos dessa investigação que é fazer aproximações entre o traumático e a experiência de tortura para Tito.

A noção de trauma na teoria freudiana está presente desde os primeiros escritos de Freud onde ele buscava pela causa dos sintomas histéricos. O termo muito utilizado na medicina para remeter a um choque violento que provoca consequências em toda a organização física é utilizado pela psicanálise para se referir ao plano psíquico (LAPLANCHE; POTALIS, 1967).

Como em casos de traumatismos tal como proposto pela medicina, a psicanálise também compreenderá trauma como uma reação a um acontecimento que provoca no sujeito uma grande mobilização de energia, e acontece em dois tempos: o primeiro no qual há a ocorrência, e o segundo no qual algo serve como uma espécie de “gatilho” e aciona as reações da primeira cena.

Favero (2009) atribui ao tema do trauma uma importância histórica e estrutural para a psicanálise, pois as produções iniciais sobre as experiências traumáticas são marcadas pela hipótese de que a origem da histeria, objeto inicial das investigações de Freud, encontra-se em uma cena de sedução sexual.

É a partir de 1914, ano que data a primeira guerra mundial, que Freud utiliza os estudos sobre as neuroses históricas para compreender as neuroses traumáticas que os soldados de guerra apresentavam ao retornar do campo de batalha. O quadro assemelhava-se aos quadros de histeria pela grande quantidade de reações provocadas no sujeito (FREUD, 1920). A situação de tortura assemelha-se às situações de vivências em campos de concentração e de grandes guerras pela tamanha violência a qual os presos políticos são submetidos.

As marcas irreparáveis da tortura sofrida pelo Frei e a irrepresentabilidade do traumático em Tito por apresentarem aproximações com as neuroses de guerra, abriram espaço para pensar a viabilidade deste estudo. A investigação da história de Tito se deu a partir dos livros: “Um homem torturado: nos passos de frei Tito de Alencar”, de Plon e Meireles (2014) e “Batismo de Sangue”, de Frei Betto (1987), neste a investigação se deteve ao capítulo intitulado “Tito: A paixão”, que foi dedicado ao frei, e as análises ficaram por conta da relação da história dele com a teoria freudiana e autores que discutem os efeitos traumáticos da tortura nos sujeitos torturados.

O presente trabalho buscou debruçar-se sobre a história de Tito, a experiência de tortura e o seu enlace com a teoria do trauma. Ficou claro durante as investigações e análises que a experiência da tortura, ainda que vivida de forma individual, é um acontecimento de ordem coletiva. O período ditatorial brasileiro tem como principal característica os episódios de tortura aos quais os presos políticos foram submetidos.

Os torturadores lançam mão de instrumentos que violam o corpo do torturado e da palavra, da linguagem para marcar uma posição de superioridade diante do sujeito torturado. A linguagem que introduz o sujeito em sua humanidade, quando utilizada em situações de tortura tem o efeito oposto. Os torturadores buscam marcar no psíquico e no corpo do torturado a desumanização, a inferiorização, a submissão (ROLLAND, 2014). De acordo com Rolland (2014) a tortura física não tem poder de destruir o sujeito por dentro, mas a tortura psicológica sim. É frente a essa ameaça que Tito tenta suicídio na segunda fase de sua prisão, pois é isso que a tortura psicológica faz: busca “[...] destituir a palavra da sua função simbólica, reduzindo-a à categoria de um ato e um ato de morte” (ROLLAND, 2014, p. 42).

Compreendendo o choque violento causado pela tortura e a noção de trauma na sessão final, foi correlacionado a teoria psicanalítica freudiana do trauma e a história do dominicano. Assim, se propôs a demonstrar que o ato suicida de Tito de Alencar foi a expressão brutal da violência de estado, e que quem o empurrou para a morte foram seus torturadores.

## METODOLOGIA

Realizou-se uma pesquisa de caráter bibliográfico que, de acordo com Leite (2015), é realizada a partir de buscas em livros, artigos e documentos disponíveis em bibliotecas. Os dados e as informações são coletados em fontes já existentes que servem de base para análise e interpretação do estudo. Portanto foram utilizados teses, dissertações e artigos científicos publicados no período entre 2000 e 2020 nas plataformas de pesquisa Scielo, Bireme e Lilacs, vinculados a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e livros de psicanálise. Os artigos, teses e dissertações foram buscados a partir dos marcadores: trauma, psicanálise, tortura, ditadura e Frei Tito ou Tito de Alencar Lima. Estas palavras-chave também foram utilizadas como temas a serem considerados para os livros analisados.

Entre os livros utilizados encontram-se as duas obras das quais partiram o desejo para este estudo: “Um homem torturado: Nos passos de frei Tito de Alencar”, de Leneide Duarte-Plon e Clarisse Meireles (2014), e “Batismo de sangue” de Frei Betto (1987) que discutem sobre a vida de Tito de Alencar e que foram utilizadas de base para a investigação da pesquisa.

Marcou-se o período das últimas duas décadas para as teses, dissertações e artigos, pois pretendeu-se estudar o fenômeno no período mais atual possível. Como este se trata de um breve estudo psicanalítico, não foi estipulado um período cronológico para os livros, visto que se pretendeu utilizar desde livros clássicos da psicanálise e história até os mais atuais sobre os marcadores escolhidos.

Foram encontrados no total, nos três sites propostos, 416 trabalhos científicos (teses, dissertações e artigos científicos) com as palavras-chaves, foram utilizadas 2 dissertações de mestrado, 1 tese de doutorado e 2 artigos entre os encontrados nas plataformas propostas somados a eles foram utilizados 16 livros.

Após a busca nas plataformas, as leituras que buscaram selecionar as obras importantes para o estudo e que poderiam ser correlacionadas à história de Tito de Alencar Lima buscou-se fazer como proposto por Gil (2002) partiu-se para a leitura interpretativa que visa relacionar as obras selecionadas com o problema de pesquisa proposto.

## TRAUMA: BREVES CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS

O trauma é entendido como um acontecimento da vida do sujeito que é definido pela intensidade, pela incapacidade de reação adequada diante de um acontecimento, pelos transtornos e longos efeitos patológicos provocados na sua organização psíquica, segundo Laplanche e Pontalis (1967). Nos termos econômicos, o traumatismo é caracterizado “[...] por um afluxo de excitações que é excessivo em relação à tolerância do sujeito e à sua capacidade de dominar e de elaborar psicicamente estas excitações” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1967, p. 522).

Para compreender a estruturação psíquica a qual a psicanálise se remete, é preciso acreditar ou supor que o inconsciente existe. Apontando a limitação da consciência no armazenamento de memórias, Freud (1915) afirma que a partir da suposição dessa instância da vida psíquica é possível compreender a influência que ela exerce sobre os processos conscientes.

Portanto, para explicar a natureza inconsciente de um acontecimento psíquico, Freud (1915) discorreu a partir de dois sentidos: o descritivo e o sistemático. A natureza inconsciente partindo da noção de não presença remete ao sentido descritivo e os acontecimentos psíquicos que não se relacionam diretamente com a consciência, ou seja, que não chegam a ela espontaneamente, são nomeados sistemáticos.

No geral, o ato psíquico passa por duas fases: na primeira o ato é inconsciente e pertence ao sistema *Ics*<sup>1</sup>. Se não passar pela censura, continuará assim e não seguirá para a segunda fase que consiste em, após passar pela censura, pertencer ao sistema *Cs*. Aqui o acontecimento psíquico ainda não é consciente mesmo que possa se tornar, mas está presente no pré-consciente onde está acessível de se tornar consciente (FREUD, 1915).

A primeira hipótese adotada por Freud (1915) para explicar o que acontece quando uma inscrição inconsciente passa para o consciente é a hipótese topográfica (dupla inscrição), a qual indica que na fase *Cs* uma ideia sofre um novo registro quando passa de um sistema para outro. Na segunda hipótese a mudança de estado é apenas funcional.

A hipótese topográfica está relacionada a uma separação entre os sistemas *Ics* e *Cs* e na possibilidade de que uma ideia poder existir em dois lugares do mecanismo mental, ou seja, a ideia, se não estiver impedida pela censura, pode passar de um sistema para outro “[...] sem perder talvez sua primeira localização ou registro” (FREUD, 1915, p. 180).

Mas, posteriormente, Freud (1915) compreende que o recalque causa algo que afeta as ideias na divisão entre os sistemas *Ics* e *Pcs/Cs*. Ele acredita tratar-se da retirada da concentração de energia (catexia). Ao questionar-se sobre em qual sistema ocorre a retirada de energia e a qual pertence a energia retirada, Freud faz reflexões que o levam a compreender que “[...] a transição do sistema *Ics* para o sistema seguinte não se processa pela efetuação de um novo registro, mas por uma modificação em seu estado” (FREUD, 1915, p. 185). Assim, ele admite a hipótese funcional e é a partir dessa hipótese que os termos econômicos passam a ser descritos e é a ela que a teoria do trauma se refere.

Em “Esboços para uma comunicação preliminar”, Freud (1893) observa que as lembranças relacionadas aos fenômenos histéricos não estavam presentes na memória acessível dos pacientes, mas quando submetia-os à hipnose elas eram despertadas com “a clareza de alucinações”. Também observa que essas lembranças associavam-se a estados peculiares, como auto-hipnose ou estados oniroides, conteúdos que não se associam com a consciência normal.

Mas, apesar dessas observações, ainda não era possível saber o fator determinante das causas históricas sem considerar a hipótese de que o conteúdo da consciência era facilmente dissociado a certos complexos de ideia, sem cadeia associativa. Para este autor a disposição à histeria poderia ser investigada quando esses estados surgissem por causas internas ou devido a influências externas. A esses estados, Freud (1893) irá chamar de “hipnoides” e enfatizará a característica de seu conteúdo, a nível maior ou menor, de estar dissociado do resto do conteúdo da consciência e impedido de fazer associações.

Ou seja, seguindo a trilha para desvendar a origem da histeria, Freud constata que não é possível identificar a causa sem considerar que o conteúdo que a desperta se assemelha aos conteúdos dos sonhos e compreende que esse conteúdo, o qual não se associa à consciência, pode sofrer deslocamentos. Através da hipnose, Freud (1893a) percebeu que o mundo externo causava grandes influências sobre o funcionamento psíquico a ponto de causar a patologia da histeria. Ele irá descrever que no caso das neuroses traumáticas a diferença está no sofrimento que é provocado por um acidente externo, mas as experiências demonstram que os sintomas histéricos estão intimamente relacionados ao trauma desencadeador.

A causa da neurose traumática não é o acontecimento do acidente, mas sim o afeto provocado a partir desse evento, o qual o autor chama de *trauma psíquico* e conclui que ele desencadeia os sintomas histéricos. As experiências que evocam afetos aflitivos (susto, angústia, vergonha ou dor física) poderão ser vividos como trauma, o que irá definir (ou não definir) essa vivência será o grau de suscetibilidade de cada sujeito (FREUD, 1893a).

Freud (1893b), no artigo “Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência”, escreve que o trauma a partir de uma perspectiva médica, pode não se manifestar imediatamente após o acidente. Ou seja, as consequências na área do corpo atingida podem surgir somente depois de algum tempo quando começa a manifestar os sinais de adoecimento — sinais que podem remeter o ouvinte à cena do acidente.

Nesse período Freud (1893b) ainda utilizava da técnica hipnótica e da sugestionabilidade para seguir os rastros que levavam à cena traumática. Na busca por saber qual a relação entre os sintomas manifestos que eram descolados de associação aparente com as cenas descobertas a partir da hipnose, o autor compreende que existem situações que desencadeiam os sintomas e a situação que causa o sintoma histórico. Compara a causa direta do sintoma histórico a um corpo estranho que atua sobre o organismo constantemente até que se consiga livrar-se dele.

É possível observar, portanto, que a ação traumática dispõe de dois momentos, dois tempos, como descrito por Favero (2009). O primeiro em que acontece na cena inicial, que pode ser entendida em termos médicos como a cena do

<sup>1</sup> \*Freud (1915) pede que na escrita adote-se a abreviação *Cs* para consciência e *Ics* para o que é inconsciente, quando esses termos forem utilizados no sentido sistemático.

acidente — que não desperta o afeto de imediato; e o segundo momento, ou segunda cena, que evoca a primeira através de algum sinal associativo, dando significado à primeira e abrindo para a manifestação do sintoma histérico, possibilitando a manifestação do afeto (FAVERO, 2009). Freud (1983b) entende que na falta de reação diante uma situação que mobiliza grande carga de afeto a lembrança conserva o afeto original e se a pessoa não consegue ab-reagir ao afeto original a situação pode se inscrever como trauma psíquico.

No artigo “As neuropsicoses de defesa”, Freud (1894) detalha um pouco mais sobre como essa relação entre situação traumática e afeto se relacionam e os caminhos que podem ser percorridos pelo afeto e representação dependendo dos mecanismos internos de cada pessoa e o evento traumático. De início o autor propõe outros tipos de histeria além das que se ligam aos estados hipnoides. A primeira é resultado da vontade espontânea da pessoa de esquecer determinada situação, a outra ele nomeia como *histeria de retenção*, na qual a pessoa não conseguiu reagir imediatamente diante dos estímulos traumáticos, mas que é possível de resolver por *ab-reação*. E a última são as histerias de defesa que se conectam às fobias e obsessões.

O percurso mais sadio proposto por Freud (1894) seria através do “esquecimento” voluntário e a descarga do afeto através da ab-reação, mas as pacientes analisadas pelo autor não conseguiram fazer esse arranjo, as situações traumáticas acarretam em reações patológicas que levam ou à histeria ou a obsessões, ou a uma psicose alucinatória.

Quando a pessoa não consegue fazer a conversão para um sintoma histérico, mas mesmo assim parece tentar desviar de um acontecimento difícil, coloca-se a separar a representação do afeto e esse afeto fica na vida psíquica. A representação continua na consciência, mas fica separada de associações; no entanto, o afeto fica livre para “colar” em outras representações que não têm ligação entre si e essas associações se tornam fobias (FREUD, 1894).

Segundo Freud (1894) a histeria acontece quando a defesa do eu separa a representação — que continua na consciência mesmo enfraquecida e isolada — e o afeto. Mas ele também descreve uma esfera de defesa ainda mais poderosa na qual o Eu rejeita a representação e o afeto como se nunca tivesse acontecido, o que ele chama de psicose.

O Eu rejeita a representação insuportável e se “refugia” na psicose. O modo como isso acontece escapa ao próprio sujeito e às análises da teoria de Freud. Na psicose o Eu rompe com a representação que fica ligada a uma parte da realidade. Na medida em que essa representação se liga à realidade, o Eu — quando percebe — se desliga total e parcialmente da realidade; é então que as representações recebem a vividez de alucinações. Quando essa defesa acontece, o sujeito é levado ao estado de confusão alucinatória.

O afeto pode se ligar a qualquer representação, as representações as quais ele pode se ligar são representações que estejam livres para se unirem a ele ou que tenham alguma relação com a representação rejeitada. Como o caso das angústias, cuja origem é sexual, elas podem se associarem às fobias primárias comuns à espécie humana ou a

representações que de um modo ou outro associam-se ao sexual.

Como também observa Favero (2009), Freud constata que todos os casos que analisou os sintomas de afetos conflitivos provinham da vida sexual do sujeito.

No artigo intitulado “Introdução à psicanálise e as neuroses de guerra”, Freud (1919) se utiliza da teoria que vinha desenvolvendo acerca das neuroses em tempos de paz para compreender as consequências da guerra nos soldados que voltavam dos campos de batalha extremamente perturbados. Nos neuróticos o que gerava sofrimento eram os conflitos mentais e os desejos e inclinações que se expressavam no sintoma e que eram desconhecidos, ou seja, eram inconscientes. Portanto, o caminho para desvendar a causa da neurose traumática partiu disso: de uma inclinação inconsciente, no soldado, para ficar distante das exigências sobre seus sentimentos feitas pelo serviço exercido. O medo da morte, a “oposição à ordem de matar outras pessoas, rebeldia contra a supressão implacável da própria personalidade pelos seus superiores — eram estas as mais importantes fontes afetivas das quais se nutria a tendência para escapar da guerra” (FREUD, 1919, p. 134).

O autor explica que o conflito que as neuroses de guerra manifestam no soldado é um embate entre o ego antes do acontecido e o ego atual, o ego pacífico e o ego bélico. A neurose traumática é lida por Freud (1919) como uma fuga do antigo Ego para escapar da morte ou defesa do novo ego contra o antigo que ameaça a vida. Como ele descreve, é uma fuga da guerra para a doença. A *neurose traumática* surge, então, como uma tentativa de continuar vivo; nela o ego se defende de um perigo que vem de fora ou de uma ameaça que incorpora o próprio Ego.

Nesse momento da teoria freudiana, de acordo com Viana (2014) há uma reviravolta na teoria das pulsões com mudanças nos planos dinâmicos e econômicos, inaugurando o que será conhecido por *segunda tópica*. Freud retoma o estudo do trauma com no texto “Além do princípio de prazer” (1920) em que se aprofunda no campo das neuroses traumáticas.

A origem do sistema *Pcs/Cs* é explicada por Freud (1920) partindo das aproximações como uma vesícula viva que recebe muitas excitações do mundo externo — tanto que para se proteger, precisa formar uma espécie de escudo protetor. A parte na qual fica o mundo externo recebe um fluxo de excitações grandes que modificam a camada externa da vesícula até o ponto em que modificações não podem mais ser feitas e é quando se forma a consciência. O escudo protetor possui o próprio estoque de energia e tenta preservar o modo como transforma as cargas de energia contra os efeitos das ameaças das grandes energias presentes no mundo externo (FREUD, 1920).

A vesícula viva, que virá a ser o consciente, a qual Freud se refere, também recebe excitações do interior. A estruturação do sistema que separará o interior do exterior e a distinção das condições que atuam sobre as excitações nos dois sistemas tem grande efeito no funcionamento deles e em todo o aparelho mental. No exterior, possui sentido reduzido, o resguardo contra os estímulos e a quantidade de excitação

que incide sobre ele. No sentido interior não há esse escudo de excitações das camadas mais profundas, que ficam espalhadas e em grande quantidade a ponto de originarem sentimento de prazer e desprazer (FREUD, 1920).

O estado de coisas que se originam no sentido interior produz dois produtos definidos: os sentimentos de prazer e desprazer, que são presentes nos estímulos externos; e o outro é a capacidade de criar uma maneira de lidar com excitações internas que produzem grande quantidade de desprazer. Trata-se dessas excitações como se proviessem do mundo externo e não do interior psíquico, assim é possível acionar um escudo que protege desses estímulos. É assim que surge a projeção (FREUD, 1920). Portanto, as projeções são mecanismos de defesa que surgem da tentativa do aparelho psíquico de se proteger das sensações de desprazer provocadas por estimulações internas. O aparelho psíquico se organiza de forma a jogar para o mundo externo a inquietação para não ser sentida como originada nele.

Para Freud (1920) as experiências traumáticas são excitações que vem de fora e possui intensidade capaz de atravessar o escudo protetor. A partir disso o autor propõe que o conceito de trauma está relacionado com uma ruptura violenta na barreira que em outras circunstâncias é eficaz contra esses estímulos. O trauma, de acordo com Freud (1920), provoca um enorme desequilíbrio no aparelho psíquico que lançará mão de todos os mecanismos de defesa possíveis. O problema que surgirá então será o de dominar os estímulos que romperão com a barreira protetora e vinculá-los com o sentido psíquico para que se consiga livrar-se deles.

O modo como cada sujeito reagirá após essa ruptura dependerá da energia catéxica presente para atuar nos arredores da ruptura. Freud definirá que o trauma está ligado não a situação em si, ao menos não só a ela, mas ao que a situação provoca no sujeito: “o susto e a ameaça à vida”. O que se propõe a investigar então “são os efeitos produzidos sob o órgão da mente pela ruptura do escudo contra estímulos e pelos problemas que surgem em sua esteira” (FREUD, 1920, p. 41).

De acordo com Freud (1926) o sintoma é um resquício e substituto de uma pulsão não satisfeita, surge como consequência do processo de recalque. Pelas vias comuns o recalque faz com que impulsos desagradáveis sejam mantidos fora da consciência. Diante de um perigo externo, retira o investimento da percepção do perigo, formula como se fossem estratégias de tentativa de fuga para em seguida encontrar uma saída melhor, como provocar reações físicas que impeçam as percepções de perigo, ainda que não haja excitações para percebê-lo.

Freud (1926) constata que o Eu é a parte organizadora do Id, eles não são opostos, ainda que o Eu seja regido pelo Id, quando seus impulsos escapam a barreira do recalque, o Eu não tem controle sobre eles, o Eu é invadido. Por isso o sintoma, formulação inconsciente, age como um corpo estranho que fica gerando estímulos e reações. O sintoma se entrelaça ao Eu e o Eu se apega a ele.

Os sintomas da neurose obsessiva e da paranoia proporcionam ao Eu uma satisfação narcísica que não seria possível de obter de outra maneira. O sistema dos neuróticos

obsessivos admira seu amor-próprio por serem limpos ou escrupulosos, sentem-se melhores que os demais; na paranoia os mecanismos arranjados por ela oferecem a perspicácia e a fantasia dos doentes um campo que não é facilmente substituído (FREUD, 1926).

Entre os neuróticos de guerra é comum reviverem de alguma forma as experiências traumáticas através do sonho por exemplo. Freud (1914) dedica uma atenção especial para o conceito de repetição afirmando que ela impede a recordação de eventos traumáticos e, ao invés de lembrar, o sujeito repete em atitudes do cotidiano, quanto maiores as resistências do sujeito em recordar maior será sua tendência a repetir. Quando essa repetição ocorre em análise, ela pode ser impulsionadora de cura; no entanto, dependendo das circunstâncias em que ela atua, pode ser lesiva ao sujeito.

O caráter patológico da repetição é explicado por Nasio (2014) como advindo de uma transferência de sentimentos hostis; é insistente e compulsiva, acontece pelo menos três vezes nas quais um afeto infantil, violento, foracluído e recalcado aparece e desaparece diversas vezes e retorna “[...] sob a forma de uma experiência perturbadora cujo os paradigmas são o sintoma e a passagem ao ato” (NASIO, 2014, p. 47).

As condições que momentos históricos como dos contextos das grandes guerras mundiais tem repercussão na vida de todos que os vivenciam, mas esses contextos fazem vítimas mais diretas como os soldados e refugiados que vivem sobre vigília e fazem arranjos psíquicos para sobreviver às perturbações. Tito, uma vítima direta do regime ditatorial brasileiro, vivenciou o trauma de tortura, de ser exilado e perturbado psiquicamente mesmo longe dos porões da ditadura.

## **FREI TITO E O CONTEXTO SÓCIO-POLÍTICO DA DITADURA MILITAR BRASILEIRA**

*Não vejo realmente como ser cristão sem ser revolucionário.*  
(Frei Tito)

Tito de Alencar Lima era o caçula entre onze irmãos, nasceu em Fortaleza, dia 14 de setembro de 1945. Era um militante ativo desde sua adolescência, tinha uma relação de devoção com Deus. Influenciado por Nildes, a irmã mais velha que cuidou dele como filho, aos 12 anos entrou na JEC (Juventude Estudantil Católica) e aos 17 anos começou a militar pelo movimento. Foi por volta dos anos de 1961 que Tito resolveu tornar-se dominicano, ordem que se dedicava ao estudo e à pregação. Em 1966, entrou para o Convento da Serra, em Belo Horizonte. Assumiu por três anos votos de obediência, pobreza e castidade. Em fevereiro de 1967, Tito tornou-se Frei Tito, mudou-se para São Paulo onde morava em um convento e foi aprovado no vestibular de Ciências Sociais na USP (BETTO, 1987; PLON; MEIRELES, 2014).

Na universidade, Tito era articulado ao movimento estudantil, sempre estava à disposição dos companheiros; foi isso que o possibilitou obter o local para o congresso da UNE (União Nacional dos Estudantes), em 1968. Nesse período foi

apreendido pelos militares junto com outros estudantes, foi fichado no DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) e liberado logo depois (PLON; MEIRELES, 2014; BETTO, 1987).

A ordem dominicana desde 1969, passou a ser suspeita de ligação à ALN (Ação Libertadora Nacional), de Carlos Marighella. Segundo Plon e Meireles (2014) existem indicativos de que o DOPS tinha um esquema de observação e controle sobre o convento, antes mesmo da prisão dos frades.

Na madrugada do dia 4 de novembro de 1969, Tito foi preso. Os militares invadiram o convento da Rua Caiubi, e iniciaram a “Operação batina branca” que prendeu Frei Tito e outros dominicanos. Em 1970, Tito foi levado dos porões do DOPS para a Opan, onde foi novamente torturado e fez a primeira tentativa de suicídio. Ao retornar para a prisão, com a ajuda dos companheiros de cela, escreve uma carta denunciando as torturas que eram feitas nos porões da Ditadura instaurada no Brasil (PLON; MEIRELES, 2014; BETTO, 1987).

Apesar do Brasil no período de 1946 a 1964 ter gozado de uma democracia frágil, os anos ditatoriais que sucederam 1964 foram marcados por uma polícia violenta e por ataques diretos aos direitos da classe trabalhadora. Em 9 de abril de 1964 é confirmado à população, a partir de uma norma jurídica, que depois ficou conhecido como AI-1, que os militares haviam chegado ao poder destituindo o governo constitucional de João Goulart, o Jango, apoiados por grupos de elite, da classe média, alguns segmentos da igreja católica e com apoio estratégico e material dos EUA, com o discurso de que a partir de então assegurariam reconstrução econômica, financeira, política e moral (VIEIRA, 2014; BRASIL, 1985).

No dia 10 de abril já havia uma lista dos cassados pelo regime, com 102 nomes. O regime militar não esperou sua formalização oficial para dar início às perseguições violentas. Milhares de pessoas foram presas ainda nos primeiros dias do golpe (BRASIL, 1985). Outros atos institucionais são implantados, mas é o AI-5 que “formaliza” o endurecimento do regime militar, em 13 de dezembro de 1968. O ato institui imposição de atestados ideológicos, autorização para a polícia e o exército invadirem universidades, o fechamento do Congresso Nacional, aval para a invasão, sem procedimento prévio, de estados e municípios, além da cassação de mandatos parlamentares e a suspensão de direitos políticos por 10 anos, a retirada do habeas corpus e a autorização para a retirada de bens (ARANTES, 2011).

Ao mesmo tempo em que o golpe se instala, já havia um forte movimento dos militantes políticos no país, as organizações populares de esquerda já vinham passando por intensos conflitos com os militares.

Os militares sob a influência e apoio dos EUA demonizavam a oposição política e tudo que ia de encontro aos seus interesses era identificado como movimento comunista. Foi com a justificativa de que o presidente Jango havia mandado buscar na China revolucionários especialistas para implantar no Brasil o comunismo, que os militares marcham para Brasília, em 31 de março, para tirar o presidente à força do poder presidencial. No dia seguinte, os

militares recebem apoio imediato do presidente dos EUA, e no dia 9 de março formalizam o golpe que teve como princípios norteadores: a manipulação da opinião pública e a repressão política policial (BRASIL, 1985).

A repressão policial era acompanhada de violência física e psicológica, com os presos acusados de serem subversivos. Foram eles as maiores vítimas da tortura nesse período. Nos registros oficiais dessa época, segundo as informações divulgadas nos arquivos do projeto Brasil Nunca Mais, não constam os números reais que refletem a frequência da ocorrência de torturas sofridas pelos presos políticos, visto que nos Conselhos de Justiça Militar não eram permitidos os registros de depoimentos de tortura. Por isso as vítimas, familiares e coletivos políticos, por estratégia, optavam por silenciar as denúncias formais, uma vez que poderiam ser mortos e a denúncia não seria registrada.

O golpe e o regime ditatorial brasileiro baseou todas as suas ações na Doutrina de Segurança Nacional que tinha a tortura como instrumento de controle social indo de encontro ao que deveria ser dever do estado: resguardar a liberdade social dos cidadãos e promover o bem estar. A tortura passa então a ser prática comum, usada indiscriminadamente, legitimada e encoberta pelo estado (BRASIL, 1985).

Arantes (2011) afirma que tortura sempre esteve presente no Brasil. A autora reúne autores para demonstrar que essa prática constitui a genealogia da violência no país desde o período colonial, quando portugueses se apropriaram dos mais diversos instrumentos de violência para exterminar os povos que aqui existiam e escravizar os negros. Aponta, inclusive, que a escravidão é uma marca inapagável da história brasileira e os estudos que a discutem e reafirmam isso não esgotam a barbárie e a marca deixada nas gerações que se sucederam.

Maia (2001) relembra que os africanos escravizados, quando comprados pelos portugueses brancos, eram surrados sem nenhuma razão, além da vontade do senhor de escravo, era a forma de demonstrar quem exercia o poder ali, uma forma de docilizar os corpos. Nas palavras do autor, era um:

Método de terror luso-brasilíco e mais tarde autenticamente nacional, brasileiro, o choque do bárbaro arbítrio do senhor – visando demonstrar ao recém chegado seu novo estatuto subumano – voltou a ser praticado durante a ditadura de 1964-1985. Instituídos pela longa experiência escravocrata, os torturadores do DOI-CODI e da Operação Bandeirantes também faziam uso repentino da surra, à entrada das delegacias e das casernas, para desumanizar e aterrorizar os suspeitos de “subversão” (MAIA, 2011, p. 46).

No livro “Brasil: nunca mais” (1985), codificou-se os tipos de tortura cometidas na ditadura militar brasileira, buscando classificar de acordo com as palavras dos próprios denunciadores desse crime. O resultado culminou em dois códigos, um extensivo e outro compacto. O código compacto

classifica em nove itens o extensivo, que conta com 285 tipos de tortura.

Entre as muitas formas de praticar esse delito físico encontradas pelos torturadores, a mais utilizada estima-se ter sido o “pau de arara” e os eletrochoques nos genitais e ouvidos. O pau de arara, considerado uma autêntica contribuição brasileira ao arsenal mundial de técnicas de tortura, também chamado “varal” ou “cambau”, era usado desde os tempos da Colônia para punir “negros fujões”. O suplício ganhou esse nome por lembrar as longas varas usadas para levar aves aos mercados, atadas pelos pés (PLON; MEIRELES, 2014).

Sironi (2011) aponta na mesma direção que alguns outros autores (ARANTES, 2011; NETTO, 1985; MAREN; VIÑAR, 1992). Segundo eles ao analisar que nos casos e relatos de tortura é possível perceber que ela faz calar, silencia o sujeito que passou por essa experiência; ele se sente dividido ali entre dois mundos, o que ele vivenciou e o que os outros nunca conhecerão, as lembranças retornam e ele revive as cenas das sessões de violência ao mesmo tempo que luta contra para não sucumbir aos torturadores que permanecem presentes de alguma forma.

No livro “Brasil nunca mais”, o psicanalista Pellegrino (1985) aponta que a tortura procura, em troca do sofrimento físico insuportável, provocar um rompimento entre corpo e mente, colocá-los em guerra um contra o outro. A tortura, segundo o autor, faz do corpo do sujeito o seu inimigo, exigindo que se rompa com o silêncio (PELLEGRINO, 1985 apud BRASIL, 1985).

É na linha das observações anteriores que esta pesquisa afirma que a tortura, exercendo seu nefando papel, também devastou Frei Tito psicologicamente, transformando sua vida depois da prisão em um inferno entre as vozes dos torturadores e as convicções de que eles estavam por toda parte. A frase dita por um de seus torturadores — “Se não falar, será quebrado por dentro, pois sabemos fazer as coisas sem deixar marcas visíveis” — deixa clara a natureza violenta e criminosa da ditadura militar brasileira (PLON; MEIRELES, 2014).

Para Freire (2009), a tortura provoca um efeito devastador no sujeito a ponto do corpo do indivíduo voltar-se contra ele próprio, na medida que anseia parar imediatamente a situação de tortura. A autora reflete sobre o corpo terminar por agir em aliança com o torturador, o corpo se torna um goz do sujeito torturado.

O sujeito dividido entre dois mundos como posto por Sironi (2011) é a lembrança de Xavier Plassat, no depoimento que oferece para compor a biografia de Tito, “Um homem torturado: nos passos de frei Tito de Alencar”, tem do Frei: um jovem torturado que exilado e longe dos seus torturadores continuava revivendo aquelas sessões de tortura, vivia, como posto por Plassat, entre a resistência e a desistência. Resistência era quando Tito cantarolava em seu

violão, sorria e brincava e desistência “quando obedecia cegamente à intimidação alucinante do ‘papa’, cuja voz atormentava sua mente sem parar, fugindo para onde o mandasse que fosse, ou afundando-se em impenetráveis prantos e desesperados silêncios” (PLON; MEIRELES, 2014, p. 15).

Depois da publicação da carta que Tito escreve sobre as torturas cometidas nas prisões políticas no Brasil, ele fica reconhecido entre os militantes nacionais e internacionais. Tito se torna um símbolo da resistência católica; é atribuído a isso o motivo do seu nome sair na lista do último sequestro de embaixador dos guerrilheiros.<sup>2</sup> Tito deixa o Brasil sem desejo de deixá-lo, vai em liberdade para o exílio, mas continua preso, de forma simbólica, aos seus torturadores, nos porões da ditadura militar brasileira que o perturba até sua morte.

## O TRAUMA DE TORTURA EM TITO

Se a tortura divide o mundo do sujeito torturado em dois, como proposto por Sironi (2011), é possível notar os momentos cruciais para essa ruptura em Frei Tito. Preso em novembro de 1969, foi torturado pela primeira vez nesse mesmo período; queria que Tito entregasse outros frades “comunistas”. Ele acabou entregando o nome de um companheiro e não conseguiu se perdoar por isso. Ele já demonstrava estar se recuperando quando foi levado para a OBAN, em fevereiro de 1970, para ser torturado durante quatro dias inteiros; foi nessa segunda fase da tortura que Tito, ao retornar ao presídio de Tiradentes, não voltou mais como antes, desconfigurado física e psicologicamente, quase irreconhecível, não fosse pelas características que eram próprias de Tito: os olhos pequenos, a energia de paz e a modéstia.

De acordo com Plon e Meireles (2014), quando ele entregou o nome de um de seus companheiros, decidiu que se fosse submetido novamente à tortura, elaboraria um plano para se matar. A segunda fase da tortura do frei aconteceu em 1970, entre os dias 17 e 20 de fevereiro, provavelmente em virtude do dono do sítio que sediou o congresso da UNE ter sido preso e os militares intentavam associar Tito a ele (PLON; MEIRELES, 2014).

Levado dos prédios do DOPS para a OBAN (Operação Bandeirantes), a tortura começou no caminho entre golpes de arma na cabeça e no pescoço, apontavam para ele os revólveres e o capitão Mauricio lhe disse que seria levado para conhecer a sucursal do inferno (BETTO, 1987). Sobre sua chegada à OBAN, onde foi levado direto para a sala de interrogatório, Tito escreve:

Dependurado, nu, com mãos e pés amarrados, recebi choques elétricos, de pilha seca, nos tendões dos pés e

<sup>2</sup> Com objetivo de negociar a libertação de um diplomata, símbolo da contrarrevolução, por presos políticos de diversos setores da luta armada, símbolos da revolução. Apesar do foco principal da captura ser a troca dos

embaixadores por guerrilheiros, Tito entra na terceira e última lista pela repercussão que sua carta havia ganhado (PLON; MEIRELES, 2014).

na cabeça. Eram seis os torturadores, comandados pelo capitão Maurício. Davam-me "telefones" [tapas nos ouvidos] e berravam impropérios. Isso durou cerca de uma hora. Descansei quinze minutos ao ser retirado do pau-de-arara. O interrogatório se reiniciou. As mesmas perguntas, sob cutiladas e ameaças. Quanto mais eu negava, mais fortes as pancadas. A tortura, alternada de perguntas, prosseguiu até as vinte e duas horas. Ao sair da sala, tinha o corpo marcado por hematomas, o rosto inchado, a cabeça pesada e dolorida. Um soldado carregou-me até a cela 3, onde fiquei sozinho (BETTO, 1987, p. 190).

Os militares sob os princípios da Doutrina de Segurança Nacional entendiam todos os presos como culpados até que se provasse o contrário; partiam do princípio que, até que seja forçado a falar, ninguém confessa os próprios "crimes". O torturado se vê entre ceder à vontade de sobreviver ou suportar a dor e a morte por fidelidade aos companheiros de luta (BETTO, 1987).

O trauma como proposto pela psicanálise freudiana é uma experiência da ordem do irrepresentável, só é compreendido como tal em um momento *a posteriori*. Ele fica um tempo em período de latência até o momento em que desperta. Frei Tito vivencia a situação de tortura, resiste àqueles dias de fevereiro de 1970, mas depois que retorna para o presídio de Tiradentes, após sentir a intensidade devastadora da experiência, as suas tentativas de simbolização parecem insuficientes para ajudá-lo a elaborar; a tortura rouba a humanidade e a palavra do torturado, faz calar o sujeito e o corrói por dentro (SIRONI, 2011). É no exílio que Tito sentirá com mais intensidade os efeitos daqueles dias e do contexto ditatorial.

Quando o traumático, de acordo com Vieira (2010), se torna impossível de representação, ele produz uma vivência de aniquilamento, de desubjetivação ou aciona os mecanismos do recalque que atuarão, de acordo com Freud (1915), sobre os impulsos pulsionais, cujo o destino dependerá da forma como o recalque acontecerá.

Os impulsos pulsionais, são as forças que atuam sobre a pulsão que é um afeto de origem inconsciente, o qual se liga a uma representação que pode ou não se tornar consciente. O que determinará se será possível o acesso à consciência ou não será a atuação do recalque que quando consegue barrar a pulsão por completo, não deixando passar à consciência nem o afeto e nem a ideia representativa a qual ele está ligado, deixa a pulsão totalmente inconsciente. No entanto, pode ocorrer da representação ficar recalçada, mas não o afeto e este será transformado em angústia que manifestará não apenas a carga de energia de uma pulsão específica, mas será tocada por todos os afetos recalcados (FREUD, 1915).

O que vai sendo possível perceber na história da tortura de Tito a partir dos seus relatos sobre o exílio, é que por vezes a vivência da tortura o invade e o perturba profundamente. Depoimentos coletados por Plon e Meireles (2014) para construir sua biografia apontam que, antes de ser preso pela primeira vez, Tito já vinha passando por um momento de imersão subjetiva. As autoras escrevem que Tito fez narcoanálise, análise que para fins de autoconhecimento, na

qual utilizava de substâncias psicoativas; quando a terapia deixou de ser utilizada ele nunca mais utilizou as substâncias, mas elas relatam que ele estava em momento de introspecção e depressão quando foi preso pela primeira vez. "Ele passava, sem dúvida, por um processo doloroso de questionamento subjetivo. Sua prisão foi um choque mais duro do que em outras pessoas" (PLON; MEIRELES, 2014, p. 58).

O modo como o sujeito reagirá à situação traumática dependerá dos mecanismos psíquicos que ele dispõe para enfrenta-la, pois quanto maior o impacto da situação externa maiores serão as exigências ao Eu para que encontre mecanismo de superação. Vieira (2010) coloca que além dos recursos do eu para subjetivar o trauma, o sujeito também precisa dispor de uma estrutura sociocultural. Se as vivências de tortura atravessaram Tito de forma mais intensa do que em outros militantes, é possível observar que o cenário do exílio e o enfraquecimento dos governos de esquerda da América Latina influenciaram ainda mais no seu estado. Além disso Tito foi submetido as mais diversas torturas psicológicas que buscavam destruir sua confiança, colocar em dúvida a lealdade dele aos seus companheiros, à igreja e a Deus.

Tito buscou o silêncio e a resistência física para não ceder à tortura. Durante os dias em que Tito de Alencar Lima esteve preso na Operação Bandeirantes ele estava determinado a não falar e resistir às sessões de tortura que duraram de terça a sexta. Sobre a quinta-feira, o frei escreve:

Vai ter que falar senão só sai morto daqui!", gritou. Logo vi que isso não era apenas uma ameaça, era quase uma certeza. Sentaram-me na cadeira-do-dragão, com chapas metálicas e fios, descarregaram choques nas mãos, nos pés, nos ouvidos e na cabeça. Dois fios foram amarrados em minhas mãos e um na orelha esquerda. A cada descarga, eu estremeia todo, como se o organismo fosse se decompor. Da sessão de choques passaram-me ao pau-de-arara. Mais choques, pauladas no peito e nas pernas que cada vez mais se curvavam para aliviar a dor. Uma hora depois, com o corpo todo ferido e sangrando, desmaiei. Fui desamarrado e animado. Conduziram-me a outra sala dizendo que passaríamos a descarga elétrica para 220 volts a fim de que eu falasse "antes de morrer". Não chegaram a fazê-lo. Voltaram às perguntas, batiam em minhas mãos com palmatória. As mãos ficaram roxas e inchadas, a ponto de não ser possível fechá-las. Novas pauladas. Era impossível saber qual parte do corpo doía mais; tudo parecia massacrado. Mesmo que quisesse, não poderia responder às perguntas: o raciocínio não se ordenava mais, restava apenas o desejo de perder novamente os sentidos. Isso durou até as dez horas (BETTO, 1987, p. 191).

Entre as sessões de tortura física e psicológica que foi submetido na OBAN, Frei Tito cumprira a palavra que disse durante a primeira fase da tortura, em novembro de 1969, de se livrar da tortura dando fim a própria vida. Tentou suicídio como alternativa para livrar-se daquele tormento causado pela tortura e para evitar que outros companheiros passassem pelo que ele passou. Sobreviveu e não conseguiu dar fim ali aos seus tormentos, mas conseguiu denunciar o

que acontecia nos porões da ditadura brasileira (PLON; MEIRELES, 2014).

Quando retornou para o presídio de Tiradentes, com a ajuda de seus companheiros de cela, Tito escreve uma carta falando sobre a tortura que sofreu, essa carta ganha repercussão internacional e é premiada em Paris. Violado e violentado, Tito vivenciou na OBAN experiências que o levaram à situações limite entre a realidade e a intensa carga psíquica.

Em dezembro daquele ano, 1970, um líder da VPR (Vanguarda Popular Revolucionária) sequestrou no Rio de Janeiro um embaixador suíço e a moeda de troca para sua liberdade era a liberação de 70 presos políticos. Em decorrência da repercussão de seu relato o nome de Frei Tito estava entre eles; mas este não queria ir, não queria deixar o Brasil. No entanto, não podia recusar, porque seria acusado de fazer o jogo da repressão que queria desmoralizar os sequestradores. Houve à época sequestros de outros embaixadores e os presos políticos que se recusaram a sair tiveram suas fotos e nomes estampados nos jornais como aliados do governo. Betto conta que “Tito preferia ser banido – punição automática a todos que saíram mediante sequestros – do que ver-se utilizado pelo regime militar” (1987, p. 201).

O corpo de Tito não era apenas seu, era reflexo de um grupo também. Freud (1921) ao escrever sobre as massas, explica que quando o indivíduo está inserido em um grupo ele está ligado aos outros por um sentimento de unanimidade, não há o sujeito isolado com vontades voltadas apenas para si, há o que ele chama de indivíduo da massa que vivencia seus processos junto com o grupo; eles sentem, pensam e agem em conjunto, o sentimento é de todos, não apenas do sujeito. Esses indivíduos estão ligados por uma ideia ou por um líder em comum.

A força que o contexto social tem sobre o indivíduo é tão intensa que é capaz de fazer surgir uma nova pulsão, a pulsão social (FREUD, 1921). Quando as exigências pulsionais são muito intensas o Eu se encontra desamparado e, para Freud (1926), essa é a principal condição para a angústia. Por isso a angústia sinaliza a formação do sintoma como uma formação necessária; é só devido ao fato da angústia despertar a instância prazer-desprazer que o sintoma se forma.

A formação do sintoma tenta anular a situação de perigo podendo deixá-lo oculto e produzir no Id a alteração que tira o Eu de perigo ou cria no processo da pulsão uma formação substituta. As formações são para fugir a todo custo das ameaças de perigo que se colocam (FREUD, 1926).

No exílio Tito viveu momentos de silêncio e intensa angústia, em seus escritos coletados em sua biografia e nos relatos dos frades, que também a compõem, é notável o estado de introjeção dele daqueles dias de tortura. Rolland nomeia o sofrimento de Tito como “sintoma-testemunho”, as vozes que ele escutava, as sensações que ele tinha, não compunham um caráter classificatório para um estado psicopatológico, eram o testemunho da tortura (PLON; MEIRELES, 2014).

De acordo com Maren e Viñar (1992) no exílio alguns conseguem inverter a carga de sofrimento advindo da

ditadura e transformar os sentimentos perturbados em alguma outra coisa, mas nem todos conseguem “alguns pagam com seu próprio corpo, outros com o seu equilíbrio psíquico” (MAREN; VIÑAR, 1992, p. 70) como foi o caso do frei.

Tito tinha planos para o exílio, e eles eram sobre buscar uma forma de vida religiosa mais radical e estudar a fundo os novos clássicos políticos. Betto (1987) relata que desde a tortura ele dava sinais de estar mais introspectivo, aprofundando-se nas orações. Ele sai do Brasil e vai para o Chile, mas a proximidade com o Brasil e a facilidade que tinha para estar em contato com o que estava acontecendo com o país não lhe agradava. Embarcou para Roma, mas não foi recebido pelo Colégio Pio Brasileiro, pois tinha fama de “terrorista”. Foi na França, onde também haviam conhecidos das trincheiras brasileiras, que Tito encontrou refúgio. Lá ficou hospedado no Convento Sainte-Marie de La Tourette, em L’Arbresle, próximo a Lyon, desde junho de 1973 (BETTO, 1987, PLON; MEIRELES, 2014).

Os religiosos, autoridades políticas e intelectuais que estiveram com Tito no exílio contam sobre as oscilações em seu estado, exilado e longe do território brasileiro, os torturadores seguiram cumprindo a promessa de quebrá-lo por dentro.

O relato de uma freira do convento de Taulignan conta que o estado do frei era de alguém que estava se afogando em águas profundas. Segundo ela, ele agia como se constantemente estivesse sendo vigiado, usava a porta do quarto trancada, sempre que caminhava olhava para trás com a impressão de estar sendo seguido. Apesar dos muitos planos de estudos e debates que ele havia feito para o exílio, não conseguia manter a concentração nos estudos. Ao mesmo tempo que encontrava disposição para continuar lutando e tentando superar as dificuldades de adaptação ao novo país, ele tinha momentos de profundo desânimo (PLON; MEIRELES, 2014).

Para refletir sobre exílio, Maren e Viñar (1992) colocam a discussão entre o antigo e o novo. O antigo remete-se ao lugar amado, ao território que foi habitado, vivenciado, onde se construiu uma história. Para Tito o lugar antigo era o Brasil; O antigo remete-se ao que os outros fizeram do sujeito e ao que ele fez de si. Os autores colocam que o antigo é colocado como o lugar de êxtase total, o lugar de pela realização que é retirado, a dor do retorno remete a perda do primeiro objeto — o objeto materno.

Em “Além do princípio de prazer”, Freud (1920) explica sobre como a criança lida com essa perda, e que pode ser transposta para a experiência de perder o objeto Brasil para Tito. A experiência infantil do *fort* consiste na brincadeira de jogar um objeto até que ele desapareça de vista e depois o puxa de volta para si. É a brincadeira do desaparecimento e retorno. Quando a mãe sai de cena a brincadeira acontece insistidas vezes, a interpretação do jogo feita por Freud relaciona-o a renúncia da satisfação pulsional que acontece ao deixar a mãe ir. A elaboração do ‘desaparecimento’ da mãe se dá a partir da repetição da brincadeira. Quando a mãe vai embora a criança encontra-se em uma situação passiva; é

dominada pela experiência, ou seja, quando a repete na brincadeira, ela assume uma posição ativa (FREUD, 1920).

O autor aponta que isso pode ser entendido como uma tentativa de dominar a lembrança desagradável e também pode ser compreendido como uma forma de se vingar do objeto perdido (mãe) lançando o brinquedo para longe, assim a repetição traz uma sensação de prazer-desprazer. “Quando a criança passa da passividade da experiência para a atividade do jogo, transfere a experiência desagradável para um de seus companheiros de brincadeira e, dessa maneira, vinga-se num substituto” (FREUD, 1920, p. 27).

Tito não encontra uma experiência de elaboração, como a encontrada pela criança, para elaborar a perda do objeto. Ele tentou outras formas para suportar a estadia longe do país amado e das sequelas da tortura em seu psíquico. Nos anos que se sucederam no exílio, Tito tentou buscar por independência financeira; foi à procura de trabalho, mas não conseguia manter a concentração por muito tempo para realizar atividades que exigissem um esforço intelectual. Então os frades buscam inseri-lo em atividades manuais, mas ainda assim Tito não conseguia permanecer nos empregos por muito tempo. Ele acabava sendo demitido por passar dias debilitado, chorando ou por fugir sem dar explicações.

Nesse mesmo período, Tito havia decidido morar fora do convento, e com a ajuda de outros dominicanos ele alugou um apartamento. Magno, dominicano que ficou muito próximo de Tito na França, visitava-o quase todos os dias; esse foi o período em que o Frei estava demonstrando estado de profunda perturbação e acreditava piamente que haviam policiais que o seguiam, que o vigiavam. “A fase vivida fora do convento é a mais obscura da vida de Tito. Não se sabe com clareza o que ele fazia. Deve ter vivido momentos de muita solidão” (PLON; MEIRELES, 2014, p. 292).

Quando Salvador Allende caiu, no Chile, Tito recebeu a notícia como se fosse em seu próprio país. Ele vinha conseguindo fazer algumas atividades, desenvolver trabalhos e aos poucos ir retomando aos estudos, mas quando soube da queda de Allende, Plassat conta, segundo Plon e Meireles (2014), que isso disparou um gatilho do terror em Tito. Tudo que ele conseguiu conter nos últimos meses daquele período, retornou: escutar a voz de seus torturadores, a certeza de que Fleury estava ali próximo torturando seus familiares, escutar sua mãe e irmãos sendo torturados.

Apoiado em Freud (1921), o qual explica que a organização das massas precisa da ilusão da figura de um líder ou de uma ideia para se manter organizada, inclusive psiquicamente, quando essa ilusão se desfaz ocorre uma desintegração das massas e as pulsões mais violentas vem a tona no plano coletivo e individual. Allende parecia ser para Tito a representação da figura de um líder ou da ideia de revolução que tinha para o Brasil, com a queda dos governos de esquerda por toda a América Latina a destituição do governo chileno pode ter abalado Tito.

Jean-Claude Rolland, psicanalista que atendeu Tito no período do exílio, discorda da afirmação de Plassat, para ele “Tito já estava destruído” (PLON; MEIRELES, p. 357, 2014) e o desencadeador maior de sua angústia foi ter sido mandado para o exílio. Para o psicanalista a prisão o protegia do desejo

de morrer, ele era assolado pela culpa, pela vergonha, como se sentisse que merecia punição.

De acordo com Sironi (2011), as pessoas que conhecem a tortura buscam pelo isolamento, pelo silêncio e sentem vergonha, agem para prejudicar a si mesmas; é uma espécie de segredo que sufoca, nada se diz. A existência da tortura é tida como a experiência de um pesadelo, quem não a vivencia não a conhece, não sabe como é, o sujeito torturado convive com a sensação de ser estranho para o mundo (SIRONI, 2011).

A tortura existe porque existe em cada sujeito uma intensa vontade de destruição do outro, é a tortura física acompanhada da psicológica que destrói o sujeito torturado, a vontade de destruição do outro é um desejo recalcado que quando em grupo se autoriza e se realiza (FREUD, 1921; PLON; MEIRELES, 2014). A desestruturação psíquica do sujeito torturado é provocada pelo outro, a força de destruição do outro é tão intensa que é capaz de mudar o funcionamento psíquico de uma pessoa. A vítima da tortura procura o isolamento, o silêncio, pois a memória dos acontecimentos a perturbam.

Rolland (2011) explica que houve a introjeção do torturador Fleury no Eu de Tito, a identificação forçada fez com que Tito rompesse com o espaço de acolhida e ficasse isolado. “Tito não era mais o Tito. Ele era (também) o Fleury, e isso não era um fingimento, mas o efeito mecânico de uma intrusão do outro, por meio de suas palavras, reduzidas ao seu poder de penetração” (ROLLAND, 2011, p. 43).

Maren e Viñar (1992) explicam que no exílio há uma exigência psíquica contraditória “de ter que conciliar o tempo de recolhimento necessário a um trabalho de luto, e uma posição forte e corajosa que permitirá fazer face às exigências da sobrevivência” (p. 70). Para explicar esse processo de luto Freud, (1917 [1915]) explica que este normalmente é relacionado à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa o mesmo lugar. O autor percebe a necessidade de fazer breves diferenciações entre luto e melancolia uma vez que percebe o primeiro como um processo natural e o segundo com características patológicas.

Ambos os processos, de luto e melancolia, referem-se à perda do objeto; no entanto, na melancolia o objeto é perdido no sentido de perda amorosa e não de morte concreta. Há uma perda que não se sabe discernir o que foi perdido, o sujeito que sente também não sabe conscientemente a que se refere essa perda. Nos casos de melancolia em que o objeto perdido é sabido pelo sujeito, como nos casos de morte concreta, o sujeito pode saber quem perdeu, mas não o que perdeu, nem a complexidade e profundidade do que aquilo que perdeu representava para ele, na melancolia a perda do objeto é inconsciente.

No luto o vazio está no mundo, na melancolia está no próprio eu. O eu do melancólico se vê como indigno, incapaz e desprezível, vê-se em estado de querer punição (FREUD, 1917 [1915]). Em análise dos relatos e escritos sobre Tito a perda do objeto Brasil para ele teve efeitos devastadores. O suicídio de Tito de Alencar se apresenta como consequência de uma vivência traumática que não encontrou vias de elaboração, e quando a via da elaboração não é feita através da recordação do acontecimento, pela via de descarga da

palavra, o sujeito parte para a atuação, para a repetição em ato (FREUD, 1914).

De acordo com Cremasco e Brunhari (2009), o amor pelo objeto é instalado pela identificação narcísica, o ódio se dirige ao objeto substituto (eu) atacando-o de maneira violenta, buscando pelo sofrimento. Quando ocorre a ruptura entre o objeto original e a catexia narcísica, o objeto sofre um duplo destino: uma direciona-se à identificação narcísica e a outra volta-se para o sadismo. “É esse sadismo que soluciona o enigma da tendência ao suicídio — fundada no encaminhamento do ódio pertencente à catexia objetal abandonada” (CREMASCO; BRUNHARI, 2009, p. 788).

O desejo de ser punido é característico das vítimas de tortura (SIRONI, 2011), visto que o sujeito torturado se percebe como estranho ao mundo que se apresenta. No caso de Tito a identificação forçada com o seu torturador, a introjeção no Eu de Fleury em Tito, juntamente com a tristeza e o vazio vivenciados aparentemente marcam a perda do objeto de investimento pulsional, retirado violentamente dele. A vivência no exílio deixava ainda mais evidente para Tito que algo havia sido perdido, algo além do seu ideal de revolução, algo da ordem do inconsciente. Em seus sintomas ele experimentava de uma autodestruição que partia das vozes e sensações de tortura que ele sentia, a partida para o ato suicida é a vivência literal da aniquilação do sujeito.

## CONCLUSÃO

Através das obras “Um homem torturado” (PLON; MEIRELES, 2014) e “O batismo de sangue” (BETTO, 1987) este trabalho propôs-se a analisar a história de Frei Tito de Alencar inicialmente na tentativa de entender os sintomas que o assolaram e posteriormente compreendendo que o estudo sobre sua militância política durante o período ditatorial é um testemunho de um contexto repressivo devastador para quem se coloca em oposição. Tito carregou no corpo e no psíquico as marcas daquele período que o acompanharam até o fim da vida.

A ditadura marcou a história subjetiva de Tito, que teve o limite entre suas memórias e perturbações invadidas de maneira aniquiladora. O estudo buscou fugir das investigações psicopatológicas, compreendendo o caráter testemunhal do sofrimento do frei. O sintoma é a manifestação da verdade do sujeito, tal como propõe Nasio (2014), manifestação que marca sua individualização, no entanto o que se percebe nos relatos do exílio de Tito é que seus sintomas tinham um caráter memorialístico, eram testemunho do que acontecia nas prisões da ditadura brasileira. Era a verdade não apenas de Tito, mas dos presos políticos que insistentemente eram colocados como mentirosos pelo Regime ditatorial, quando tentavam denunciar a tortura.

A tristeza e o vazio vivenciados pelo Frei marcam a perda do objeto de investimento pulsional (a ideologia de liberdade, a queda dos militares, a tomada do poder pela esquerda) retirado violentamente dele. A vivência no exílio deixou evidenciado não só a perda de algo para Tito, mas a perda de

Tito. Para Rolland (2011) Tito foi destruído no exílio e durante os estudos percebeu-se que a destruição prolongou-se pelos anos em que Tito esteve no exílio. A frase que ele deixou “é melhor morrer do que perder a vida” mostra que Tito sobrevivia, porém não vivia mais.

Portanto, não se apresenta possível concluir sem constar que o suicídio de Tito foi a concretização em ato de tormentos insuportáveis: vivências da tortura, o cumprimento de sua ruptura interna, como dito por seus torturadores.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi escrito em memória a todos que tiveram suas vidas tiradas pelo estado, que tiveram e continuam tendo suas dores invisibilizadas, como a região norte, em específico o estado do Amapá, que no período final da escrita deste trabalho passou pelo que, nós, amapaenses, nomeamos de crise humanitária, apagão criminoso que deixou 13 municípios dos 16 que existem no estado, no escuro. Gratidão a todos que me prestaram apoio, energia elétrica e força para a conclusão desse breve estudo.

## REFERÊNCIAS

- ARANTES, M. A. A. C., **Tortura: Testemunhos de um crime demasiadamente humano**. 269 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.
- BETTO, F. **Batismo de sangue: Os dominicanos e a morte de Carlos Marighella**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.
- BRASIL: **nunca mais**. (1985). A tortura tomo V. Vol 1. São Paulo: Arquidiocese de São Paulo.
- CREMASCO, M., BRUNHARI, M. Da angústia ao suicídio. **Revista mal-estar e subjetividade**, Fortaleza, Vol IX, nº3, p. 785-814, set/2009.
- FAVERO, A. B. **A noção de Trauma em psicanálise**. 207 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- FREIRE, C. P. **As marcas da tortura engendrada pela ditadura militar brasileira**. Dissertação (Mestrado) – Programa de pós-graduação da escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- FREUD, S. (1893) Esboços para uma comunicação preliminar de 1893. *In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. I, Rio de Janeiro: Imago, 1987. Disponível em: [https://institutoinclusaobrasil.com.br/obras-completas-de-sigmund-freud-pdf-download-gratuito/?fbclid=IwAR2GQi1vjZlzi\\_8QU22owd002qV4zYG0g86e9WcOeazdZ4x\\_irKVITZGG40](https://institutoinclusaobrasil.com.br/obras-completas-de-sigmund-freud-pdf-download-gratuito/?fbclid=IwAR2GQi1vjZlzi_8QU22owd002qV4zYG0g86e9WcOeazdZ4x_irKVITZGG40). Acesso em: 14 jun. 2020.
- \_\_\_\_\_. (1893a) Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar (Breuer e

- Freud). *In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. II, Rio de Janeiro: Imago, 1987. Disponível em: [https://institutoinclusaobrasil.com.br/obras-completas-de-sigmund-freud-pdf-download-gratuito/?fbclid=IwAR2GQj1vjZlzi\\_8QU22owd002qV4zYG0g86e9WcOeazdZ4x\\_irKVITZGG40](https://institutoinclusaobrasil.com.br/obras-completas-de-sigmund-freud-pdf-download-gratuito/?fbclid=IwAR2GQj1vjZlzi_8QU22owd002qV4zYG0g86e9WcOeazdZ4x_irKVITZGG40). Acesso em: 14 jun. 2020.
- \_\_\_\_\_. (1893b) Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência. *In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. II, Rio de Janeiro: Imago. 1987. Disponível em: [https://institutoinclusaobrasil.com.br/obras-completas-de-sigmund-freud-pdf-download-gratuito/?fbclid=IwAR2GQj1vjZlzi\\_8QU22owd002qV4zYG0g86e9WcOeazdZ4x\\_irKVITZGG40](https://institutoinclusaobrasil.com.br/obras-completas-de-sigmund-freud-pdf-download-gratuito/?fbclid=IwAR2GQj1vjZlzi_8QU22owd002qV4zYG0g86e9WcOeazdZ4x_irKVITZGG40). Acesso em: 14 jun. 2020.
- \_\_\_\_\_. (1894) As neuropsicoses de defesa. *In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. III, Rio de Janeiro: Imago. 1987. Disponível em: [https://institutoinclusaobrasil.com.br/obras-completas-de-sigmund-freud-pdf-download-gratuito/?fbclid=IwAR2GQj1vjZlzi\\_8QU22owd002qV4zYG0g86e9WcOeazdZ4x\\_irKVITZGG40](https://institutoinclusaobrasil.com.br/obras-completas-de-sigmund-freud-pdf-download-gratuito/?fbclid=IwAR2GQj1vjZlzi_8QU22owd002qV4zYG0g86e9WcOeazdZ4x_irKVITZGG40). Acesso em: 14 jun. 2020.
- \_\_\_\_\_. (1914) Recordar, repetir e elaborar. *In: FREUD, Sigmund. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relato em autobiografia (o caso Schreber), artigos sobre a técnica e outros textos (1911-1913)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, v. 10, 2010, p. 193-209.
- \_\_\_\_\_. (1915) O inconsciente. *In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- \_\_\_\_\_. (1917[1915]) Luto e melancolia. *In: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, v. 12, 2014. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/12900.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2020
- \_\_\_\_\_. (1919) Introdução à psicanálise e as neuroses de guerra. *In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XVII, Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- \_\_\_\_\_. (1920) Além do princípio de prazer. *In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- \_\_\_\_\_. (1921) Psicologia das massas e análise do eu. *In: Obras incompletas de Sigmund Freud. Cultura, sociedade e religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- \_\_\_\_\_. (1926) Inibição, sintoma e angústia. *In: Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, v. 17, 2014. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/13383.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2020.
- GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: editora atlas, 2002.
- KELH, M. R. Tortura e sintoma social. *In: O que resta da ditadura: a exceção brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. (1967). **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LEITE, F. T. **Metodologia científica**: monografias, dissertações, teses e livros. 4ª ed. Aparecida-SP: Ideias e letras, 2015.
- MAIA, L. M. **Mecanismos de punição e prevenção da tortura**, R. CEJ, Brasília, n. 14, p. 44-72, mai-ago, 2001.
- MAREN; VIÑAR, M. **Exílio e tortura**. São Paulo: Escuta, 1992.
- NASIO, J. D. **Porque repetimos os mesmos erros**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- NETO, A. N. **Poder, vida e morte na situação de tortura**. São Paulo: Hucitec, 1985.
- PLON, L. D.; MEIRELES, C. **Um homem torturado**: nos passos de frei Tito de Alencar. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2014.
- ROLLAND, J. C. **SOIGNER. TÉMOIGNER / TRATAR, TESTEMUNHAR**. Oficina de capacitação profissionais da justiça e da saúde pública. Março, 2014.
- SIRONI, F. **Carrascos e vítimas**: psicologia da tortura. Terceira Margem, 2011.
- VIEIRA, B. As ciladas do trauma: considerações sobre história e poesia nos anos 1970. *In: O que resta da ditadura: a exceção brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2010.